

Entre a farofa e a tour do cofre: imaginário e as lógicas de midiatização

Rodrigo Duarte Bueno de Godoi¹
Ana Paula da Rosa²

RESUMO

Discute-se neste artigo a criação de um imaginário ancorado em um conjunto de práticas sociais, especialmente os de apropriação sobre o meio. Mais especificamente, o trabalho se propõe a refletir sobre um conjunto de usos, apropriações e códigos constatados no campo de observação, tendo em vista que o objeto empírico se trata de um grupo no Facebook, o LDRV. Como subsídio teórico acionamos autores que discutem questões da midiatização e, através das análises, percebe-se que os modos de significação e de acionamento de elementos do imaginário do grupo em questão estão intrinsecamente ligados as lógicas de midiatização.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário, Midiatização, Grupos, Códigos, LDRV.

ABSTRACT:

This article discusses the creation of an imaginary anchored in a set of social practices, especially the appropriation of the media. More specifically, the paper aims to reflect on a set of uses, appropriations and codes found in the field of observation, given that the empirical object is a Facebook group, the LDRV. As a theoretical support we activate authors who discuss issues of mediatization and, through the analysis, it is noticed that the modes of meaning and triggering elements of the imaginary of the group in question are intrinsically linked to the logic of mediatization.

KEYWORDS: Imaginary, Mediatization, Groups, Codes, LDRV.

Apontamentos iniciais: Grupos de Facebook numa sociedade em vias de midiatização

Os grupos de Facebook hoje, em 2019, fazem parte de uma realidade já relativamente cristalizada, tendo em vista que passaram por um processo de incorporação enquanto práticas no tecido social. Ao utilizarmos esta expressão, buscamos aludir a variados modos de adesão destas ferramentas, que foram sendo

¹Mestrando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, inscrito na linha de pesquisa Midiatização e Processos Sociais.

²Doutora em Ciências da Comunicação, na linha de pesquisa Midiatização e Processos Sociais, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e pós doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (2018) através de projeto Procad/Capes UFF/ UPFE/ UNISINOS. Atualmente é professora e pesquisadora na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) onde atua no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, na linha de pesquisa Midiatização e Processos Sociais, além dos cursos de graduação em Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Relações Públicas e Comunicação Digital.

usadas e apropriadas pelos atores sociais mediados para as mais diversas necessidades.

Fóruns, comunidades virtuais e grupos formados em sites de redes sociais³ são alguns das definições categorizantes utilizadas para descrever este fenômeno que, de tempos em tempos, ganha novas funções técnicas à medida que as próprias ferramentas atualizam-se na tentativa de responder e/ou criar novas demandas sociais. Ainda que possuam lógicas distintas, devido as suas especificidades, esses coletivos, formados desde o *Myspace*, *Orkut*, *Bate-papo Uol*, *Yahoo* respostas são alguns dos exemplos que trazem à tona processos um tanto quanto mais antigos (levando em consideração a efemeridade da cultura digital). No entanto, o foco deste artigo é discutir sobre grupos formados especificamente no *Facebook*, tendo em vista a sua pluralidade dentro do fenômeno de mediação que atravessa a sociedade.

A pluralidade de grupos e os números exorbitantes de usuários que utilizam tal recurso na plataforma *Facebook* são sintomas que atestam como, de fato, essa possibilidade interacional hoje já é uma realidade para um grande número de pessoas. Em solo brasileiro não faltam exemplos de como usos e apropriações específicos destas comunidades possibilitaram articulações entre sujeitos com propósitos semelhantes.

De modo breve, a título de ilustração, lembremos o caso de usos de grupos no *Facebook*, a fim de organizar protestos políticos contra e a favor do então candidato Jair Bolsonaro. O grupo “Mulheres contra Bolsonaro” que, majoritariamente formado por mulheres, reuniu em pouco tempo mais de 800 mil membros. Nele, discutia-se o que era de interesse para estes sujeitos tendo em vista o propósito já elencado para quem fizesse parte desse agrupamento. Enquanto este grupo crescia, outros também surgiam: homens, LGBTQs+ etc., todos contra o candidato Bolsonaro. Por outro lado, nesta mesma esteira, passaram a aparecer outros grupos, mas desta vez pró-candidato. Articulava-se assim um enredo, onde, ataques, discursos de ódio e um panorama de polarização ganhava destaque (BECKER, 2018). Nestes exemplos, a mobilização política era a grande desencadeadora destes conjuntos interacionais, uma vez que nestes grupos desenvolviam-se estratégias e possibilidades que acabavam se tornando centrais

³ Adotamos essa terminologia, baseados em Sá e Polivanov (2012, p. 2), uma vez que as autoras entendem que “sites de redes sociais são suportes, ferramentas, sistemas, softwares que permitem a interação social entre os atores, ao passo em que as redes seriam justamente essas interações, que podem ocorrer *on* ou *off-line*”.

para a disseminação de mensagens, conteúdos e planos para angariação de votos, seja para um lado ou para outro.

O emprego exemplificativo deste caso serve, neste esforço do artigo, justamente para explicitar a intensificação do processo de mediação. Isto é, essa orientação teórico-epistêmica aponta justamente para a complexificação, estruturada por dispositividades diversas (BRAGA, 2017), estratégias, dinâmicas e debates (ou ausência de) que fogem ao controle de campos e instituições historicamente estabelecidos, entre outras possibilidades. Há, então, que se pensar sobre o que emerge do processo de mediação diante desse cenário de complexas práticas comunicacionais.

Entendendo que numa sociedade em vias de mediação estes grupos de *Facebook* representam um papel de tecnologias sendo convertidas em meios (FAUSTO NETO, 2012) à medida que os atores sociais se apropriam destas ferramentas, dão a ver sintomas relativos a algo que é maior, da ordem da cultura, num contexto onde estar com os seus e compartilhar entre si talvez seja uma alternativa pontual para se desviar de processo ligados ao contexto político, social, econômico etc.

Não sendo um fenômeno dado, a mediação se configura como um panorama multifacetado, onde campos e instituições vêm tendo as suas práticas afetadas por lógicas e processos derivados da mídia (FAUSTO NETO, 2012). Nessa conjuntura de grandes transformações, os grupos de *Facebook* são um sintoma bastante emblemático de como os sujeitos dão início a seus próprios processos midiáticos, sem necessariamente ter uma interferência de um campo/instituição. Nestes “lugares” onde, diferentemente de tempos antigos quando os sujeitos em recepção eram vistos de modos passivos e as mensagens transmitidas de modo neutro, hoje, nessa ambiência, o “pólo da circulação” e a própria produção dos amadores (FLICHY, 2016) configuram estes grupos como características que dão a ver justamente as formas que a mediação transforma os processos comunicacionais.

A circulação desponta como um “terceiro polo” comunicacional que, para além da emissão e recepção, se configura através de fluxos heterogêneos. Lugar este que deixa de ser visto como nulo e revela um novo jogo complexo de relações entre produção e recepção, conforme Fausto Neto (2010) destaca:

A nova “arquitetura comunicacional midiática”, envolvendo novas relações entre produtores e receptores de mensagens, deve levar em conta as transformações havidas no âmbito da circulação. Sofrendo as injunções dos processos de mediação crescente, a circulação complexifica seus papéis, ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces. Este fenômeno

enseja que novas hipóteses sejam formuladas acerca da existência deste “terceiro polo”, no processo comunicacional. A circulação deixa de ser um elemento “invisível” ou “insondável” e, graças a um trabalho complexo de linguagem e técnica, segundo operações de dispositivos, explicita sua “atividade construcionista”, gerando pistas, instituindo novos objetos e, ao mesmo tempo, procedimentos analíticos que ensejem a inteligibilidade do seu funcionamento e dos seus efeitos. (FAUSTO NETO, 2010, p.2).

Partimos da premissa de que neste cenário de midiaticização uma nova ambiência é trazida à tona (GOMES, 2017), onde, existe muito evidentemente um irmanamento entre processos sociais e midiáticos (ROSA, 2017), constituídos principalmente (mas não de forma determinista) através de dispositivos midiáticos. Em sintonia com Fausto Neto (2010), Ferreira (2013) entende que é nos dispositivos que a circulação se concretiza: “O dispositivo não é meio nem mensagem. É um lugar de inscrição que se transforma em operador de novas condições de produção e de recepção, e, ao mesmo tempo, passagem e meio” (FERREIRA, 2013, p. 147).

Neste enredo, a sociedade passa a criar muito diversificadamente maneiras pela qual interage (BRAGA, 2012). Este conjunto de grupos criados no Facebook traz marcas desses distintos modos de conversação que a sociedade aciona comunicacionalmente. Neste contexto, o caso deste artigo versa especificamente sobre o grupo Lana Del Ray VEVO, ou, LDRV. É interessante deixar claro que, a pergunta que mobiliza a investigação e inferências iniciais no caso deste artigo é a seguinte: de que forma as lógicas de midiaticização se desenham no imaginário criado no grupo?

O percurso de construção do caso é trazido aqui através de um recorte de uma dissertação em andamento, e aqui nos propomos a analisar mais especificamente a relação entre as lógicas de midiaticização e a construção de imaginários e códigos acionados comunicacionalmente pelos membros do grupo. Metodologicamente acionamos a ideia do paradigma indiciário (BRAGA, 2008) para produção de percepções e inferências. Para tal, o período de observação se deu em março de 2019.

Contextualizando: O grupo LDRV vai dominar a internet

LDRV é a sigla de Lana Del Ray VEVO. Mesmo carregando um nome bastante similar ao da cantora Lana Del Rey, o grupo atualmente não se trata de um conjunto de fãs que interagem em torno da artista. Criado em 2013 no *Facebook*, o grupo passou um

processo de transformação de sua formulação inicial, o que de certa maneira já revela de antemão o quanto esse coletivo possui uma característica de adaptabilidade.

Com o intuito de ser um lugar próprio para se conversar sobre assuntos engraçados e descontraídos, ele busca se construir como um espaço próprio (mas não exclusivo) para sujeitos LGBTQ+, tendo em vista os “tormentos diários” que sujeitos pertencentes a essa comunidade vivem.

O LANADELRAYVEVO ou apenas LDRV é um grupo de humor com enfoque no público LGBT, que tem como objetivo principal tornar-se uma válvula de escape dos tormentos cotidianos com postagens descontraídas e discussões saudáveis. (Descrição do grupo, 2019).

Nele existe um conjunto de regras, que mobilizadas por uma equipe de administração e moderação, de certa forma direcionam e estão presentes no cotidiano do que é discutido no âmbito interno do grupo. Essas regras, existem e funcionam basicamente para a manutenção do propósito, evitando assim uma ‘dispersão’.

Por ser grande e diverso, o grupo possui vários *spinn-offs*. Essas ramificações temáticas fazem parte de uma rede constituída a partir do grupo principal, mas que direcionam e dão vazão a discussões que não se enquadrariam no propósito do LDRV. Cotidianamente, dentro do quadro de membros, é possível notar o acionamento de modos muito particulares de conversação e interação. O uso de expressões e modos de significação próprios, são sintomas de um imaginário coletivo que é construído dia após dia.

Em 2017, a cantora Lana Del Rey ao fazer divulgação de uma de suas novas músicas faz uma publicação utilizando uma curiosa expressão “É para o TCC”.

Figura 1 - Postagem da cantora Lana Del Rey

Fonte: acervo dos autores.

Obviamente a cantora não estava realizando nenhuma pesquisa de opinião, tentando saber quem tinha ouvido ou não a sua nova música. Na verdade, Lana Del Rey estava utilizando uma expressão bastante própria do grupo LDRV na época, tanto que, ela o cita o grupo em seu próprio post. Não com o intuito de analisar a estratégia de divulgação da artista, esse exemplo pincela sobre como alguns modos de agir, configurados através de enunciações dos membros, também extrapolam as bordas do próprio grupo. Também, dá a ver sobre como o próprio imaginário sobre a cantora é vivenciado dentro do LDRV.

Por outro lado, internamente, existem acionamentos realizados pelo grupo que tornam evidente como o imaginário que se cria pelo grupo paira, de alguma forma, sob as apropriações. No entanto, para compreendermos tais acionamentos é necessário que se faça uma distinção entre o que entendemos por usos e apropriações. Utilizar tais expressões como sinônimos pode levar a um modo de interpretação que não perceberia efetivamente quando uma ação ou outra é feita.

Ferreira (2016) entende que os usos estão ligados às experimentações. Para o autor “Os usos são zonas de experimentação social. Sempre que um novo meio é oferecido no cenário social, várias questões se interpõem em termos de parêntesis e aforismos” (FERREIRA, 2016, p. 111). Neste sentido, as experimentações não vão

além do que é proposto, elas ainda seguem didaticamente o que os meios oferecem. Já as apropriações acontecem muito em função de um trabalho de desapropriação. Segundo o autor “apropriação é sempre desapropriação do trabalho social de produção de sentido, consolidado em práticas. Nessa perspectiva, e desapropriação do comum, realizada conforme lógicas dos mercados econômicos, políticos e culturais” (FERREIRA, 2016, p. 112).

Esses apontamentos nos são caros para pensar de que maneira o que os sujeitos fazem no LDRV vai além da noção de usos. Não na tentativa de explicar de antemão, mas como uma chave hermenêutica para observar os processos midiáticos que são realizados por estes atores sociais. É neste contexto que o caso deste artigo se descortina, aproximando-se de inferências iniciais produzidas a partir de movimentos de imersão, observação, coleta e seleção de indícios.

O grupo notadamente possui as mesmas ferramentas e possibilidades técnicas que os demais grupos no *Facebook* possuem. No entanto, o que se destaca é justamente o que vai além disso, algo que é da ordem do social. Aquilo que os sujeitos fazem com o meio é que nos chama a atenção.

Calling all the manas: Entrando no universo LDRV

Os sujeitos nesse grupo interagem em grande parte através de *tours*. Do inglês, essa palavra pode ser traduzida como “passeio”, mas aqui ela tem um significado que vai um pouco além disso. *Tours* são publicações de membros que contam algum tipo de história. Essa narrativa, constituída na maioria das vezes por experiências vívidas por aqueles sujeitos, tenta compartilhar com os outros membros do grupo algum tipo de curiosidade (que pode ser experienciada pelos outros membros ou que seja curiosa a ponto de ninguém mais passar por aquilo). A “graça” da *tour* é justamente ser algo inédito, algo que não seja “visto” em outros lugares na internet, apenas nesse grupo. A *tour*, se constitui assim, como um arranjo que vai se organizando na própria espontaneidade dos sujeitos em compartilhar algo do seu foro íntimo.

Um exemplo claro desse tipo de arranjo é a *tour* do cofre. O que é denominado aqui (e também pelos membros do grupo) como *tour* do cofre, foi um dos posts mais famosos do grupo, realizado por um membro do grupo em 2017, contando um curioso fato da sua vida: A sua família tinha um cofre em casa, o qual nunca havia sido aberto pelos seus pais na sua frente nem do seu irmão. Ao receber uma ligação dos seus pais

pedindo para que os fosse visitar, e contando que abririam o cofre na sua presença, o membro resolveu compartilhar com o grupo o fato. Para completar, o desfecho da história se daria em torno de uma semana, numa quarta-feira.

E assim o estopim para a história havia sido lançado, restava aguardar quais seriam as reverberações que o post teria no grupo. O que não se esperava era que a publicação alcançasse proporções inimagináveis, e atraísse olhares de fora para o que estava acontecendo no interior grupo. Nos sites de redes sociais, cada vez mais passou a se especular sobre o que poderia ter dentro do cofre. Por terem alguns dias (cerca de 1 semana) entre o primeiro post e o desfecho da *tour*, houve tempo suficiente para que a história ganhasse repercussão.

Algumas contas no *Twitter* de empresas entraram na onda, e ajudaram a alavancar as proporções do que estava acontecendo.

Figura 2 - Nubank respondendo a ator social referente a tour do cofre



Fonte: acervo do autor

A conta oficial da *Netflix* no Brasil também percebeu que a *hashtag* estava nos *trending topics* do *Twitter* e também comentou sobre.

Figura 3 - Netflix Brasil twittando sobre o assunto



Fonte: acervo do autor

Essa situação exemplificativa de tour serve para ajudar a pensar como esse tipo de interação acaba extrapolando o próprio grupo. Isso não quer dizer que posts com esse tipo de composição sejam exclusivos/tenham nascido nesse grupo, mas o que se evidencia é como “fazer uma *tour*” no LDRV aciona uma série de elementos que fazem parte de certo imaginário com características comunitárias, construída nas interações que se efetivam ali.

Rosa (2019) ao refletir sobre os imaginários sociais que emergem daquilo que transita no imaginário midiático, traz um aporte bastante interessante que, aqui apropriado, ancora nossa visão, neste artigo, sobre essas questões. Tratamos de imaginário como algo que não se configura apenas num conjunto de marcas, mas que está relacionado com algo que é da ordem subjetiva dos sujeitos, o que inclui, também, a própria experiência sensível. A autora, ao se apropriar da visada de Hans Belting (2004)⁴, entende que “o imaginário é abastecido por imagens exógenas, exteriores ao corpo e endógenas, que envolvem nossa ação sobre elas” (ROSA, 2019, p. 168).

A relação do imaginário com o caldo cultural (expressão de Rosa (2017)), é ancorada em práticas sociais. No caso deste artigo, são apropriações, cocriações, replicações, memes e dinâmicas interacionais que dão a ver as lógicas de midiaticização.

É interessante observar que para se manter dentro do grupo é necessário levar em consideração as regras estabelecidas – que por sua vez são elencadas a partir de uma certa prática comunitária. Dentre o arsenal de regras, existem alguns aspectos que

⁴ Trata-se da obra: “Belting, H. (2004). Pour une anthropologie des images. Paris, França: Gallimard”.

acabam se destacando como, por exemplo, o desejo de não se ter “farofa” dentro do grupo. Postagens farofeiras são aquelas que cotidianamente podem ser vistas em qualquer lugar da internet. Posts saturados, genéricos etc. de uma forma ou outra não se enquadram ao que o grupo propõe. A repetição, neste sentido, também não é bem-vinda, uma vez que a mera reprodução causaria um *flood*⁵ da *timeline* do grupo.

Esse tipo de acionamento que o grupo faz internamente, pode ser visto como um contraponto às lógicas da própria plataforma que sedia o grupo: o *Facebook*. Quando esse grupo se projeta a ter conteúdos únicos para os membros interagirem ele está na verdade buscando algum tipo de diferenciação dessa cultura de compartilhamento, onde levar adiante em repetição um mesmo conteúdo é uma prática fomentada pela interface. Constrói-se através das práticas diárias dos membros uma lógica que vai contra essa reprodução e que, portanto, estimula um tensionamento entre as práticas do próprio grupo e as do *Facebook*.

Quando utilizam a expressão “farofa”, o que esses atores sociais fazem é uma desapropriação dessa palavra inserida na cultura, para uma posterior ressignificação, agora como parte de outro contexto. A partir desse contexto cria-se um imaginário, sustentado na prática de subjetividades no próprio grupo. Isto é, há um conjunto que dá significado a um outro conjunto de elementos, que é um imaginário produzido pelo próprio grupo e que se ancora em uma noção de pertencimento. Para partilhar tal imaginário é preciso fazer parte do grupo e ter acesso aos códigos em jogo – que vão desde as imagens ao uso das palavras.

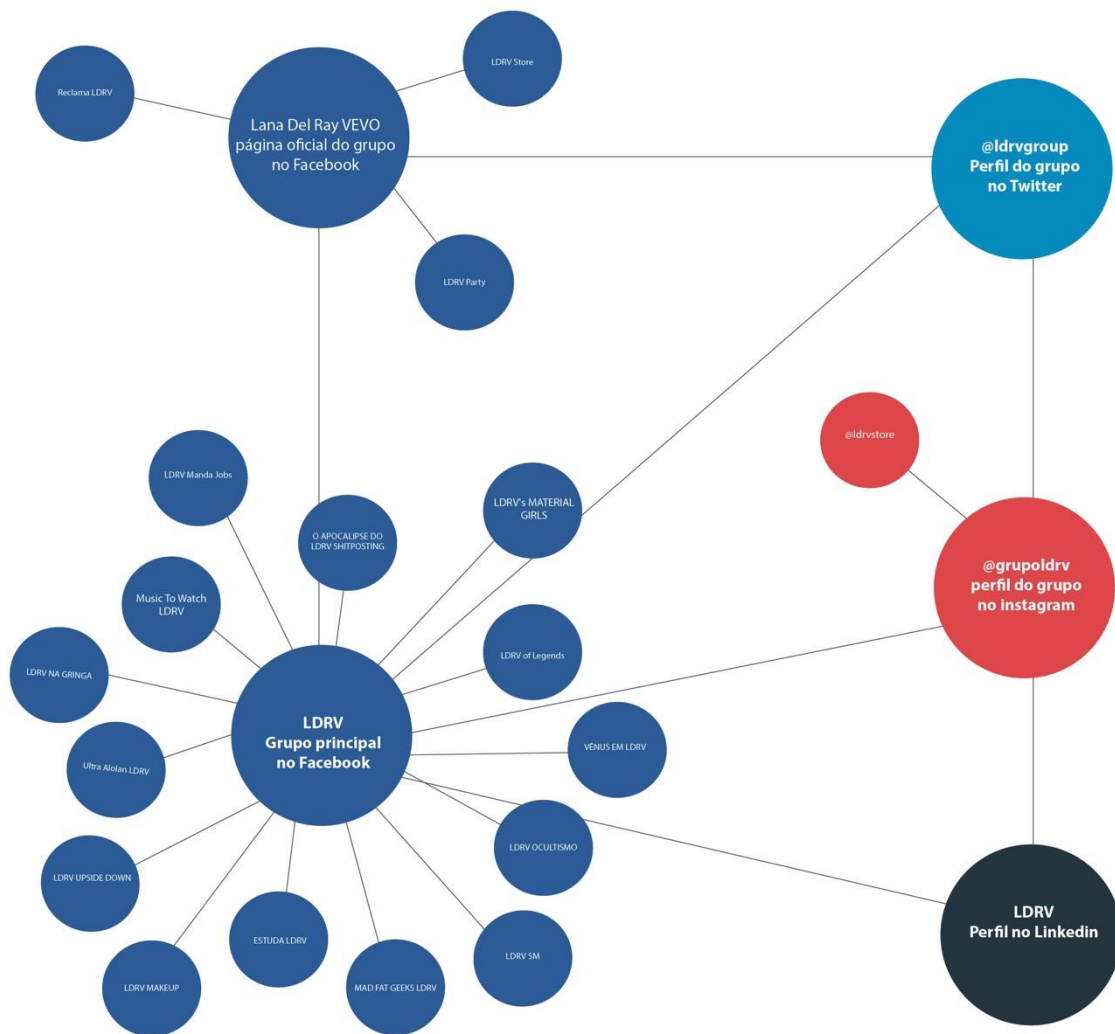
A farofa corresponde a reprodução e, portanto, incentiva à escrita, à exposição, à dividir histórias privadas, de forma a se tecer uma dinâmica de pertencimento comunitário, que vai desde o pressuposto de adequação da própria narrativa até determinadas normas e códigos, bem como a própria prática de levar adiante em uma não repetição, mas a partir de criação/cocriação e/ou recriação.

“Farofa” não é a única expressão utilizada simbolicamente para exprimir algum sentido. “Manas”, “Edit”, “Flood”, fazem parte de um arsenal de expressões acionadas de modo *sui generis*, descrevendo ações que são efetivamente reconhecidas entre os membros. Isso indica que é no dia a dia – através de certas operações, ex: criação de modos próprios de interação – que vai sendo fomentada a base para um imaginário compartilhado comunitariamente.

⁵ Termo utilizado para descrever algo repetitivo.

Um outro destaque do universo desse grupo é a sua diversidade. Por existir uma rede de ramificações do grupo, articula-se através de algumas operações, uma negociação da própria heterogeneidade de sujeitos que fazem parte desse agrupamento. Essa pista colabora para entender um pouco mais sobre o imaginário desse grupo, na medida que faz pensar de que forma se cria um imaginário coletivo a partir de sujeitos que possuem interesses tão diferentes.

Figura 4 - ramificações do grupo⁶



Fonte: acervo do autor.

⁶ A imagem foi gerada a partir de um mapeamento dos grupos que estariam vinculados a página oficial do grupo no Facebook. Além disso, a aba de grupos recomendados pelos administradores também foi consultada nesse processo de buscas. Os círculos em azul representam grupos e páginas no próprio Facebook, em azul claro no Twitter, laranja no Instagram e azul escuro no LinkedIn. Essas subdivisões possuem uma certa conexão e dinamicidade entre si (uma vez que todas carregam o nome do próprio grupo, mas não funcionam de uma mesma maneira), e não parece existir um aspecto hierarquizador entre elas (não há uma mais importante que outra).

A densidade do conjunto dessa rede de ramificação, caracterizada pela diversidade de *spinn-offs*, ilustradas graficamente acima, revelam como a interação entre esses sujeitos, negociada de alguma forma, também é perpassada por algo que está em todos esses grupos, páginas e perfis, mas que é pertinente ao LDRV (grupo principal). Nesse caminho, os sentidos que se tecem sobre o que é o LDRV, construídos a partir de codificações e apropriações, é algo que atravessa todos esses elementos.

Considerações finais

Jeder Janotti, já em 2003, falava sobre comunidades formadas via processos midiáticos, denominando-as como comunidades de sentido, entendendo que essas comunidades não são estabelecidas de acordo com a sua geolocalização – rompendo com as barreiras da distância geográfica. Nessa visada, as fronteiras delimitadoras da distância física passam a não ser um impedimento para o compartilhamento e coexistência de um universo de sentidos construídos através (e nesses) agrupamentos sociais. Além disso, a ideia de compartilhamento de interesses, valores, gostos e afetos entre os sujeitos se dá principalmente através de processos midiáticos.

Por outro lado, Gasparetto (2009) apresenta o conceito de “comunidades de pertencimento” o qual também tem uma aproximação com o objeto da pesquisa. O autor, ao observar comunidades formadas via dispositivo televisivo, explicita que a comunidade de pertencimento é “uma comunidade que se amplia por intermédio de ‘pedagogias emocionais’ e que se relacionam com rede de relações que se religam com cotidiano das pessoas” (GASPARETTO, 2009, p. 413). O sentimento de pertença é avolumado a partir de “efeitos de inclusão”, onde a recepção compartilha e tenta dissipar demandas do dia a dia. Tendo a pensar que existe uma aproximação com estes dois conceitos, muito embora, nem um nem outro expliquem totalmente do que se trata este objeto.

Há claras contribuições e articulações das proposições dos autores com o objeto desse artigo, mas o que se propõe aqui é de outra ordem. As apropriações que esse grupo faz, o tornam algo que vai além da noção de um sentido, ou sentimento de pertença compartilhado. Observar as especificidades do LDRV revela um jeito singular de relacionamento com um contexto social, com a plataforma e com o próprio gerenciamento das suas necessidades internas. Neste último item, o que emerge

internamente são as criações de códigos sobrepostos aos próprios códigos da plataforma.

Esse tipo de justaposição de códigos é relacionado a um aspecto crítico desse grupo. Criar as suas próprias codificações implica em ter um modo singular de encarar algumas práticas já naturalizadas da internet. Mas o que importa para esse texto é perceber como essas criações do grupo permeiam as interações e revelam como esse coletivo encara a plataforma.

Figura 5 - Post de membros



Fonte: acervo do autor.

O exemplo acima, carrega um tom de criticidade fortemente empregado ao *Facebook*. A fotografia do humorista Tokinho⁷, legendado com os nomes “LDRV” e “*Facebook*”, mostra um homem que carrega outro em seus ombros – um grupo que sustenta toda a plataforma. Nos comentários, há uma partilha de valores ao que a publicação sugere. É interessante como esse tipo de crítica é passível de alguns endereçamentos, por exemplo: mesmo diante da notória (e de comum conhecimento) perda de usuários na plataforma Facebook, esse grupo ainda se constitui como um forte

⁷ Perfil disponível no link a seguir: <<https://www.instagram.com/tokinhooficial/?hl=pt-br>>. Acesso em 21/05/2019.

espaço de interações; e ao “estar em cima” o Facebook, em alguma medida, acaba ditando lógicas, mesmo que elas desagradem o seu público.

Assim, o imaginário que se cria no grupo, a partir das apropriações e criação de códigos, é um sintoma emblemático das lógicas de mediação na especificidade deste objeto. Ao se ter um conjunto de símbolos, expressões e modos próprios de conversação, têm-se um processo social ancorado nas práticas dos sujeitos. Essas práticas, carregam o que Braga (2015, p. 25) denomina como “experimentações de ordem interacional com acionamento de processos mediados”. A visão do autor, é construída na sua percepção de que existem alguns setores sociais que não são organizados como campos, mas que de alguma maneira se mobilizam e buscam se qualificar para ocupar alguns espaços e/ou para crítica social em qualquer ângulo. Transferindo essa noção para o caso desse artigo, o que se sinaliza é uma experimentação ligada diretamente a um aspecto crítico do grupo, construído criativamente através do humor, da sátira e de temas do cotidiano dos sujeitos.

É neste sentido que as lógicas de mediação, neste caso se configurando como consumo do próprio meio, se manifestam a partir das articulações dos membros do grupo. Tomar para si e a partir disso dar início as suas próprias formas de uso, é um esforço de responder as suas necessidades idiossincráticas através de tentativas de subversão – a partir de uma série de pequenas ações e proposições sobre a tecnologia – de algumas ferramentas do próprio meio.

Por fim, percebe-se que a mediação não se configura apenas como um processo derivado das mídias ou das tecnologias (BRAGA, 2015). Mas se complexifica, à medida que é um processo social, ligado a uma modificação dos vários modos de “ser e estar no mundo” (GOMES, 2017). Essa mudança nos modos de se comunicar envolve uma série de “tentativas não plenamente ancoradas” (BRAGA, 2015) que, assim como visto neste artigo, são também práticas de apropriações e criação de subjetividades.

Referências:

BECKER, Fernanda. Grupo “Mulheres contra Bolsonaro” no Facebook sofre ataque cibernético. EL PAÍS. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/14/politica/1536941007_569454.html>.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, n. 2, p. 73-88, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

BRAGA, Jose Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, JADER; JACKS, Nilda Aparecida. **Mediação e midiatização**: Livro Compós 2012. Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012.

BRAGA, José Luis. Lógicas da mídia, lógicas da midiatização. Anselmino, NR, Fausto Neto, A., Gindin, IL Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones, v. 1, 2015.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. In: BRAGA, José Luiz, Calazans Regina. **Matrizes interacionais, a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande; EDUEPB, 2017.

FAUSTO NETO, Antônio. Midiatização da enfermidade de Lula: sentidos em circulação em torno de um corpo significante. **Janotti Junior J, Mattos AM, Jacks N, organizadores. Mediação e midiatização. Brasília: Compós, 2012.**

FAUSTO NETO, Antonio. Circulação além das bordas. In: Colóquio “Mediatização, sociedad y sentido”, Rosário/ARG. 2010. p.1-16.

FERREIRA, Jairo et al. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições. **José Luiz Braga, Jairo Ferreira, Antonio Fausto Neto e Pedro Gilberto Gomes (Eds.)**, v. 10, p. 140-155, 2013.

FERREIRA, Jairo. **As metamorfoses da circulação**: dos fluxos as questões de reconhecimento. In: Paulo César Castro (orgs.). A circulação discursiva entre produção e reconhecimento. Edufal, 2016.

FLICHY, Patrice. Internet, um mundo para os amadores. **Redes Digitais: um mundo para amadores. Novas relações entre mediadores, mediações e midiatizações** [p. 15-51]. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016.

GASPARETTO, Paulo Roque. **Midiatização da religião: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento: estudo sobre a recepção da TV Canção Nova**. 2009. Tese de Doutorado. UNISINOS.

GOMES, Pedro Gilberto. Dos meios à midiatização: um conceito em evolução. **São Leopoldo: Unisinos, 2017.**

JANOTTI JR., Jader Silveira. **Mídia e Cultura Juvenil: das comunidades de sentido e dos grupamentos urbanos**. 2003. Anais Compós XII: Recife/PE. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_944.pdf>. Acesso em 23/11/2018.

ROSA, Ana Paula da. TENSÕES ENTRE O REGISTRO E A ENCENAÇÃO. **Revista Observatório**, v. 3, n. 1, p. 327-351, 2017.

ROSA, Ana Paula da. **IMAGENS EM ESPIRAL: da circulação à aderência da sombra**
IMAGES IN SPIRAL: from circulation to the shadow adherence. MATRIZES. V13,
N2. 2019.

SÁ, Simone; POLIVANOV, Beatriz. Auto-reflexividade, coerência expressiva e
performance como categorias para análise dos sites de redes sociais//self-reflexivity,
expressive coherence and performance as categories for the analysis of social network
sites. **Contemporanea-revista de Comunicação e Cultura**, v. 10, n. 3, p. 574-596,
2012.

Recebido em: 07/10/2020

Aprovado em: 12/02/2020